

ECOS

RELEVO

A expressão singular da história, nos marcos da paisagem

Onde o vento faz as curvas

Das vertentes abauladas, que refletem o sol poente, aos detalhes em arco, canyons e grutas, o vento é o grande escultor da Chapada dos Guimarães



A matéria prima é arenito vermelho com silt e a idade da camada mais antiga supera os 500 milhões de anos, remetendo a origem do conjunto a uma época em que tudo ali estava debaixo de gelo. Sobre essa, uma outra camada marca a faixa dos 300 milhões de anos atrás, quando o mar avançou sobre toda a região. E mais acima destaca-se outra camada, de 150 milhões de anos, uma era de desertos. Então aparecem restos de seres vivos de toda sorte, em torno dos 60 milhões de anos. E a ruptura data de 15 milhões de anos atrás, quando o soerguimento da Cordilheira dos Andes fez o continente se desequilibrar e pender para o lado oeste, ficando literalmente inclinado sobre o magma. Aí afundou a planície pantaneira e o cristalino do Planalto Central se rompeu em vários pontos, deixando expostas as chapadas, como chamamos esse relevo de bordas planas no topo, com uma face íngreme, que expõe todas as camadas sedimentares.

Então o Tempo instalou um 'ateliê' a céu aberto para o vento, artista paciente, sempre esculpindo novas formas, que a mente humana, muito posterior a toda essa história geológica, insiste em com-

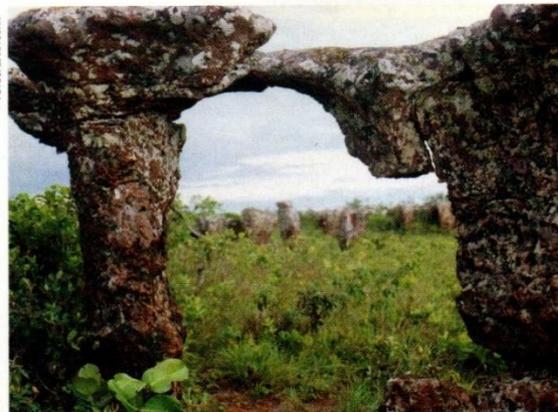
parar com sua arquitetura.

Na Chapada dos Guimarães, no Mato Grosso, a face escarpada tem uma altura média de 300 metros, a uma altitude de até 840 metros, acima do nível do mar. Uma profusão de cavernas, grutas, vãos, canyons, pedras, testemunho e esculturas, eternamente 'em obras', dá ao paredão um aspecto de ruína viva. O ar que vem pelo sopé e bate de encontro à chapada logo se vê forçado a descrever uma curva, para ir de baixo para cima. As camadas de arenito superiores são constituídas de material mais duro do que as inferiores, por isso as curvas do vento se

refletem no desenho das escarpas. Onde quer que o 'cinzel' desse escultor invisível encontre sedimentos mais soltos ou arenitos mais frágeis, surgem mais curvas, em forma de arcos, rostos, asas, movimentos de dança em forma de pedra.

E o conjunto todo vive emoldurado por um cerrado denso, ora verde ora acinzentado, mas sempre digno de uma longa visita de apreciação.

LIANA JOHN



FOTOS: LIANA JOHN

MARÇO

Água demais, frutos no chão

As famosas águas de março derrubam os últimos frutos da abundância, em todo o Centro-Sul do país. Os animais frugívoros acumulam gorduras para enfrentar os próximos meses, durante os quais a seca deverá ser mais rigorosa que o frio, sobretudo neste ano, em que as previsões climáticas apontam a possibilidade de temperaturas médias mais elevadas. As aves migratórias retardárias deixam seus portos de veraneio para voltar para casa. As tesourinhas (*Muscivora tyrannus*) juntam-se em grandes grupos ao longo dos arames farpados para o longo voo. Milhões delas agora deixam os estados brasileiros do Sul, dirigindo-se ao Hemisfério Norte. Diminuem os períodos de atividade dos insetos, limitados pelas chuvas. Nos dias de sol, os polinizadores ainda circulam junto às exuberantes quaresmeiras (*Tibouchina granulosa*), que enfeitam ruas e matas secundárias, em tons de lilás e rosa. Mas o mês é mesmo dos besouros e artrópodes, que se fartam com os frutos caídos e restos da vegetação no chão das florestas e bosques.



Caçador de esconderijos

Entre os mamíferos, continuam ativos aqueles que se alimentam de formigas, térmitas, larvas e outros bichinhos comedores de madeira. Os canais e túneis escavados dentro de troncos ou galhos em decomposição, as galerias dos cupinzeiros e diversos tipos de ninhos os protegem das chuvas e dos predadores mais generalistas, mas são inúteis contra um especialista como o tamanduá-mirim (*Tamandua tetradactyla*). Com garras poderosas, ele abre caminho até os melhores esconderijos, guiado por um olfato apuradíssimo. À noite, em florestas cheias de cipós emaranhados, é possível localizar tamanduás-mirins pelo som de galhos quebrando. Esta é uma época em que as fêmeas acumulam energia para o acasalamento - que ocorre durante o outono - e a gestação - que dura de 130 a 150 dias. Normalmente é gerado um filhote por ano, que nasce sem o "colete" que caracteriza a espécie (dá seu outro nome tamanduá-de-colete). O filhote anda agarrado às costas da mãe até aprender a se virar por conta própria, quando então cai no mundo, em busca de um território próprio.



FOTOS: BRUNO FERREIRA SILVA

Talisia esculenta

Doces cachos

Nas matas localizadas entre o Rio Grande do Norte e São Paulo - e nos quintais mais tradicionais das regiões Norte e Nordeste - é tempo de pitomba (*Talisia esculenta*), que nas regiões mais quentes já frutifica desde janeiro. Doce e amarelada, de casca fina, ela dá em cachos, na ponta dos galhos de uma pequena árvore, que alcança, no máximo, 12 metros. A pitombeira tam-



Byrsonima verbascifolia

bém cresce em matas secundárias, para felicidade das aves, que se fartam até o final do mês. Com um pouco mais de prazo, até o final de abril, os insetos se juntam às aves para apreciar os cachos vermelhos de uma outra frutinha da Mata Atlântica, entre a Bahia e o Rio Grande do Sul: a tucaneira ou tarumã-branco (*Citharexylum myrianthum*), que ainda atrai macacos e mesmo peixes, caso os galhos se debruçam sobre lagos, rios ou represas. A árvore ultrapassa os 20 metros e agüenta solos encharcados de várzeas, por isso é indicada na recuperação de matas ciliares. Nos cerrados do Centro-Oeste termina este mês a frutificação do murici (*Byrsonima verbascifolia*), consumido também pelos homens, in natura, em sucos, licores ou geléias.

De volta ao bando

Terminada a época de reprodução, os casais de irerê (*Denârocygna viduata*) voltam a integrar os enormes bandos, que descansam em lagos e remansos de rios mais calmos. Dos ninhos - feitos no chão entre touceiras de capim - saem os filhotes de 'cara suja', assim chamados por que ainda não têm

'máscara' de penas brancas dos adultos. Os irerês estão mais ativos ao anoitecer, sendo facilmente reconhecidos pela voz, que repete as sílabas do próprio nome, com ênfase na primeira sílaba (i-re-rê). Alimentam-se de sementes e invertebrados, que filtram das águas rasas através do bico serrilhado.

Pescarias a escolher

Março é um mês cheio de opções para o pescador. Com o fim do período de defeso da piracema na maioria das bacias hidrográficas, dá para escolher entre peixes de água salgada e de água doce e, nos dois casos, a variedade é grande. O período da piracema acabou nas bacias e rios São Francisco, Paraguai, Tocantins, Gurupi, Araguaia, Jari e no Mato Grosso. A partir do dia 16, a pesca será liberada nos rios do Amazonas, Pará, Rondônia e Acre e, no dia 17, no rio Parnaíba, sempre respeitando as condições e cotas de cada região. A época é boa para fisgar os predadores - os preferidos do pescador esportivo - como o dourado, a cachara e a cachorra, desde que os rios estejam baixando. Os pequenos peixes presos nas lagoas estão saindo em direção aos rios. Os predadores ficam à espera do banquete nas bocas dos corixos. Como o regime de chuvas foi irregular neste verão, convém verificar antes as condições do rio. Se ele ainda estiver cheio, a dica é a pesca de batida do pacu, atraído pelas frutas que caem das árvores. Na água salgada, a substituição dos peixes de maior ocorrência é pequena: saem agulhão, betara, caçonete, cavalinha, robalo e entram tainha, vermelho e olhete. Claro que a previsão de calendário nem sempre "bate" com a realidade: dependendo do ponto do litoral brasileiro e das variações climáticas algumas espécies podem aparecer ou sumir fora do prazo. Mesmo assim é grande a variedade de peixes de água salgada nos primeiros meses do ano.

LIANA JOHN E VALDEMAR SIBINELLI



CARLOS ALBERTO COLIMINO

Piaractus mesopotamicus

Ateles hybridus brunneus

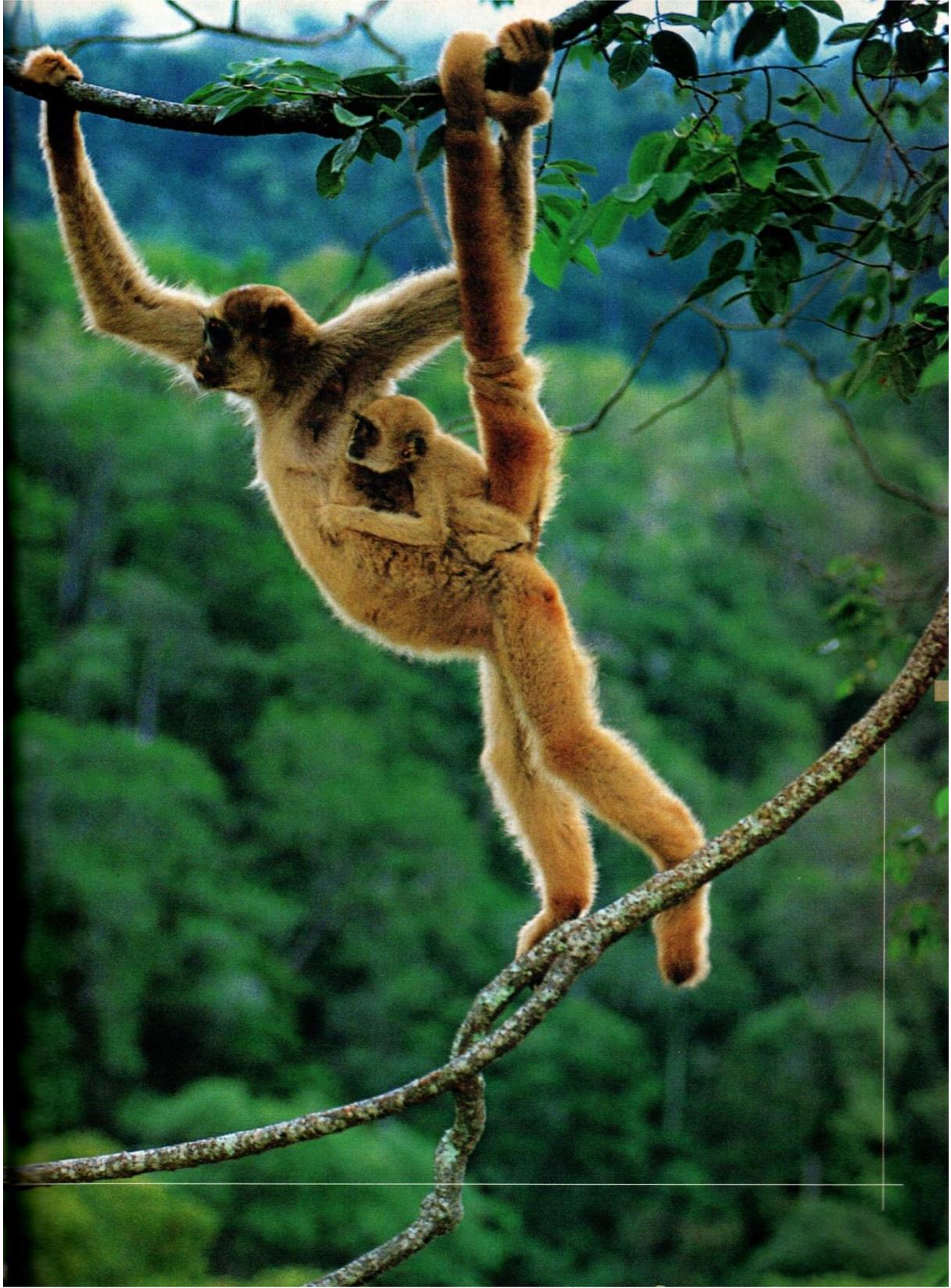
BIODIVERSIDADE

NA CORDA BAMBA

TERRA DA GENTE

40

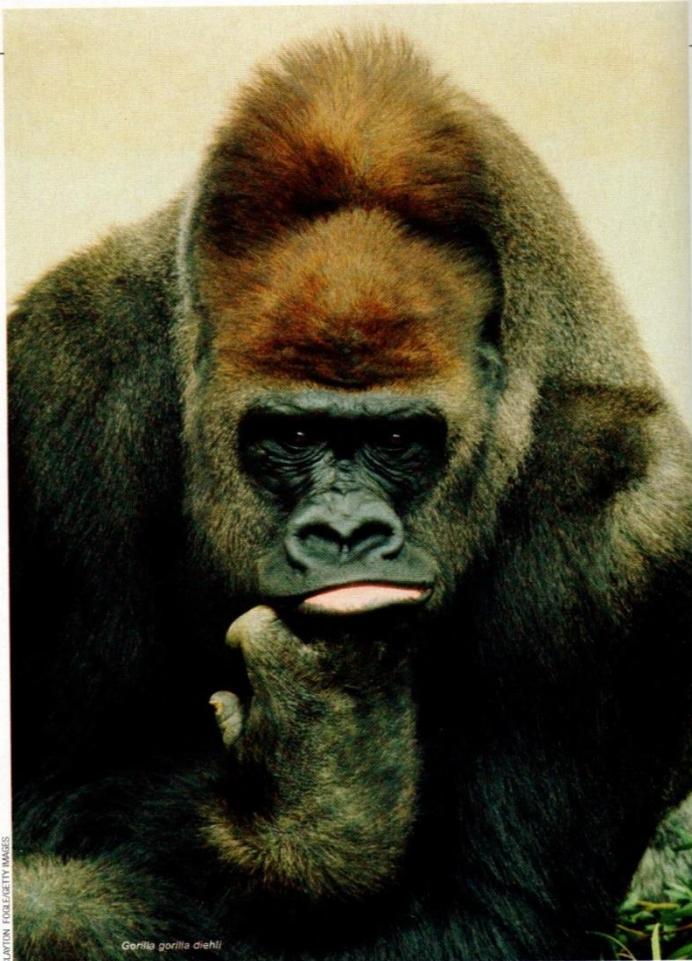
Três primatas brasileiros estão na lista mundial dos 25 primatas mais ameaçados de extinção. Grandes ou pequenos, todos eles sofrem com a caça, o tráfico e a perda de hábitat. E pedem ações urgentes de conservação!



A proximidade genética dos grandes primatas com o homem não lhes garante a mesma sorte da humanidade, quando o assunto é sobrevivência. A lista dos 25 primatas mais ameaçados de extinção em todo o mundo inclui vários de nossos 'parentes' próximos, como os gorilas, com os quais compartilhamos 98% dos nossos genes. A lista existe desde 2000, quando foi criada por Russel Mittermeier, da Conservação Internacional (CI), e William R. Konstant, do grupo de primatólogos da União para a Conservação Mundial (IUCN). Ela é periodicamente revisada nos congressos mundiais da Sociedade Internacional de Primatologia, aproveitando a reunião dos grandes especialistas que estudam primatas nos mais diversos países.

Mudam os nomes da lista, conforme se aprofundam as pesquisas e surgem novas informações sobre a situação de cada uma das cerca de 620 espécies de primatas conhecidas. Mas ela não deixa de ser a ponta do iceberg, visto que, pelo menos outras 100 espécies, não incluídas entre as 25, também se encontram ameaçadas.

O objetivo da lista é destacar as espécies que necessitam de ações de conservação mais urgentes e não estão recebendo a devida atenção nos seus países de origem ou na comunidade ambientalista internacional. A mais nova lista inclui primatas de 17 países. Madagascar e Vietnã são os dois territórios em situação mais crítica, com o maior



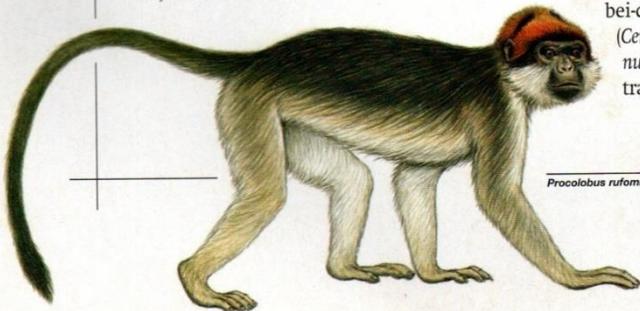
Gorilla gorilla diehli

número de espécies endêmicas na lista: quatro cada país. Depois figuram o Brasil e a Indonésia, com 3 espécies cada, seguidos do Sri Lanka e da Tanzânia, com 2 primatas cada. Colômbia, China, Guiné Equatorial e Quênia têm, cada um, uma espécie na lista. Costa do Marfim e Gana abrigam um primata que vive na região de fronteira, o mangabeí-da-nuca-branca (*Cercocebus atys lilulatus*) e as outras duas espécies

- dois gorilas - se distribuem em mais de um país: o gorila-de-Diehl (*Gorilla gorilla diehli*) vive em Camarões e na Nigéria e o gorila-das-montanhas (*Gorilla beringei*) é originário do Congo, Ruanda e Uganda.

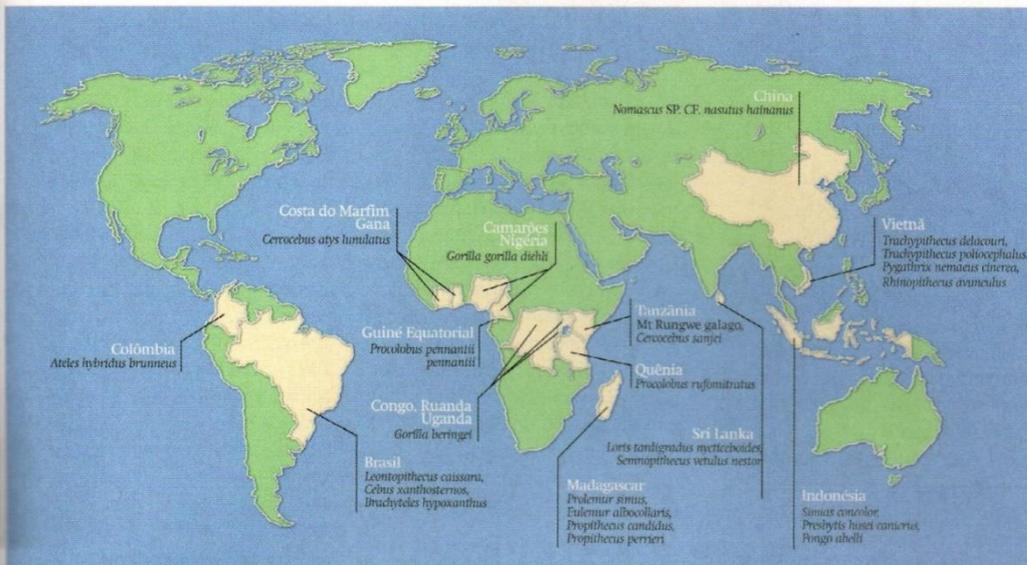
MADAGASCAR

De todos esses países, Madagascar é o que reúne maior diversidade em primatas. Ali vivem duas superfamílias inteiras de primatas bem diferenciados dos grandes símios, macacos,



Procolobus rufomitratus

OS 25 PRIMATAS MAIS AMEAÇADOS



micos e sagüis do resto do planeta: as superfamílias dos lêmures (Lemuriformes e Indrioidea), representadas por primatas de gestos graciosos, olhos grandes, corpo esguio e cauda comprida, que se dividem em 5 famílias, 14 gêneros e 56 espécies conhecidas, entre as quais estão alguns recordistas em salto em distância.

O lêmur-gentil (*Prolemur simus*), maior entre as espécies de lêmures que se alimentam de bambu, é um dos 25 primatas mais ameaçados do mundo. Existem evidências de que a espécie originalmente se distribuía por toda a ilha, mas hoje sua população está restrita a pequenas áreas na região sudeste do país, devido à caça predatória e perda de

hábitat. A pressão é a mesma sobre outra espécie da mesma família, incluída na última lista: o lêmur-decolar-branco (*Eulemur albocollaris*), habitante da mesma região sudeste de Madagascar. Os lêmures vivem nas imediações dos parques nacionais Ranomafana e Andrikitra, mas nem todos os grupos estão dentro dos limites das unidades de conservação, indicando que os parques deveriam ser ampliados, além de se criar um corredor entre eles para facilitar a comunicação entre os grupos e evi-

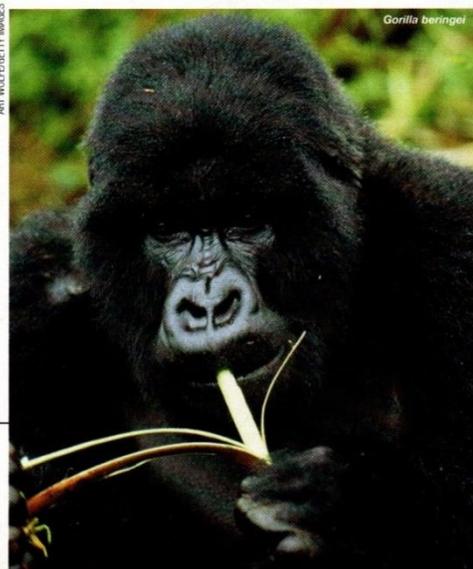
tar o excesso de consangüinidade.

Completamente branco e bem diferente das duas espécies anteriores, o sifaka-sedoso (*Propithecus candidus*) vive na região nordeste, nas imediações de uma reserva natural recentemente elevada à condição de parque nacional: Marojejy. Apesar da proteção oficial, cidades e vilas ficam muito perto dos limites da unidade de conservação e as florestas continuam sendo alteradas e os animais caçados. Estima-se que a população de sifakas-sedosos não chegue a mil exemplares.

A quarta espécie de Madagascar listada é o sifaka-de-Perrier (*Propithecus perrieri*), de pelagem totalmente preta. A espécie habita uma área muito restrita de florestas secas do extremo norte da ilha, legalmente protegida em duas reservas especiais - Analamera e Ankarana - sendo que já há dúvidas se ainda existe

GORILAS

O 'parentesco' com os humanos não garante a sobrevivência aos grandes primatas: o gorila-de-Diehl (esq.) e o gorila-das-montanhas (dir.)



Lista nacional inclui sagüi-de- duas-cores e dois micos-leões

algum grupo nesta última. É uma espécie que se alimenta de frutas, folhas e flores e vive em grupos de 2 a 6 indivíduos. As principais ameaças são a expansão da agricultura de subsistência; o corte de madeira para produção de lenha e carvão, e o garimpo de pedras preciosas. Um tabu local protegia a espécie contra a caça para consumo da carne, mas a extrema pobreza dos moradores daquela região começa a vencer o tabu, aumentando o risco de extinção dos silfakas.

VIETNÃ

A medicina tradicional do Sudeste Asiático é uma das ameaças mais importantes à sobrevivência do langur-de-dorso-negro (*Trachypithecus delacouri*), cuja população hoje está reduzida a cerca de 300 indivíduos, divididos em 19 grupos isolados, 4 dos quais sob alguma forma de proteção, nas reservas de Pu Luong, Hoa Lu e Van Long e no Parque Nacional Cuc Phuong, no Vietnã. Endêmica do país, a espécie foi observada em vida livre apenas em 1987, tendo permanecido sem registros desde 1930. Os animais são caçados para uso dos ossos, órgãos e tecidos, usados em diferentes 'medicamentos' populares. A proteção aos langures sobreviventes pede um manejo eficiente e fiscali-

Os mais ameaçados do Brasil

A Sociedade Brasileira de Primatologia acaba de divulgar a primeira lista dos 10 primatas brasileiros mais ameaçados de extinção. A sugestão de elaborar a lista nacional foi de Claudio Valladares-Pádua, diretor científico do Instituto de Pesquisas Ecológicas (IPÊ) e membro da Wildlife Trust Alliance. Ele trabalhou na avaliação do estado de conservação das espécies nativas com outros dois especialistas: Júlio César Bicca-Marques, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e ex-presidente da Sociedade Brasileira de Primatologia e Anthony Rylands, diretor do Progra-

ma de Espécies Ameaçadas da Conservação Internacional. E a lista foi aprovada no último dia 18 de fevereiro, durante o 11º Congresso de Primatologia, em Porto Alegre.

"A divulgação de uma lista como essa é importante para chamar a atenção da opinião pública sobre a necessidade de proteção dessas espécies", afirma Pádua. "Listas como esta ajudam na criação de novas áreas de conservação; no aumento da proteção às áreas anteriormente criadas, e na realização de investigações mais acuradas da situação, além de despertar o interesse de novos pesquisadores para iniciar trabalhos com animais que necessitam de uma atenção especial".

Todas as espécies da lista brasileira são classificadas como criticamente ameaçadas de extinção pela União para a Conservação Mundial (IUCN). Três delas – o mico-leão-caiçara, o macaco-prego-de-peito-amarelo e o miqui-do-norte – estão também na lista dos 25 primatas mais ameaçados do mundo.

De modo geral, a perda de habitat é o problema mais sério para todas



Saguinus bicolor

ALDRINO GAMBIRINI

zação rigorosa. Uma parceria entre as autoridades locais e especialistas da Sociedade Zoológica de Frankfurt (Alemanha) tem obtido bons resultados com o maior grupo, de 50 a 60 indivíduos, que vive em Van Long.

Habitante de Cat Ba, a maior

entre as 3 mil ilhas da Baía de Halong, ao norte do Vietnã, o langur-de-cabeça-dourada (*Trachypithecus poliocephalus*) é uma espécie naturalmente rara. Vive na floresta úmida que cresce sobre a pedra-pome, nas terras mais altas da ilha, ameaçada pela construção de casas; expansão da agricultura de subsistência; coleta predatória de produtos florestais como lenha, ervas medicinais e mel silvestre e pelo crescimento desordenado do turismo. Sua população de-

elas. O sagüi-de-duas-cores (*Saguinus bicolor*), por exemplo, ocorre numa pequena região da floresta amazônica, justamente onde está Manaus. Embora seja pequeno – cerca de 20 cm, fora a cauda, de 30 cm – e consiga se adaptar às matas secundárias ou abertas, perde cada vez mais espaço para a cidade. Para piorar sua situação, um outro sagüi do mesmo gênero – *S. midas* – têm invadido seu território, empurrado pelas alterações de sua área de origem.

As duas espécies do gênero *Cebus* – *C. kaapore* e *C. xanthosternus* – vivem igualmente em áreas restritas e estão sofrendo com a alteração do uso das terras, sendo que este conseguia conviver bem com as plantações de cacau sombreadas pela floresta e, com a crise do cacau na Bahia, está perdendo sua 'casa'. Os dois guigós – *Callicebus barbarabrownae* e *Callicebus coimbrae* – enfrentam o mesmo problema. O primeiro se distribuía originalmente entre a Bahia e Sergipe, mas perdeu muito

terreno para a especulação imobiliária. O segundo está ainda pior, porque já vivia apenas em Sergipe.

Além da perda de habitat, a sobrevivência das duas espécies de bugio incluídas na lista – o guariba-de-mãos-ruivas (*Alouatta belzebul ululata*) e o guariba-barbado (*Alouatta guariba guariba*) – ainda sofrem com a caça ilegal para o consumo de carne. Ambos são animais de médio porte – de 50 cm de altura – e normalmente são localizados devido às vocalizações em tom grave, ouvidas a cerca de 1,5 km de distância.

Para os dois micos-leões incluídos na lista – o preto (*Leontopithecus chrysopygus*) e o de cara-preta ou caissara (*L. caissara*) – a captura para o tráfico e a fragmentação da Mata Atlântica pela agricultura são as pressões mais sérias. Embora mais famosas, as outras duas espécies de mico-leão, que já foram objeto de diversas campanhas de conservação – o dourado (*L. rosalia*) e o de cara-dourada (*L. chrysomellas*)



Leontopithecus chrysopygus

FABIO COLUMBINI

– não estão entre os 10 mais ameaçados porque sua situação é um pouco melhor do que seus 'primos' paulistas e paranaenses.

“A escolha dos primatas que integram a lista depende de informações precisas e o fato de algumas espécies não entrarem não significa necessariamente que não estejam ameaçadas, significa apenas que outras estão em pior situação”, prossegue Cláudio Pádua. “Na última lista internacional, por exemplo, entraram algumas espécies do Vietnã e saíram outras. Não porque a situação destas melhorou, mas porque não se tinha nenhuma informação sobre o Vietnã antes e agora se viu que os primatas de lá estão sob grande pressão”.



Leontopithecus caissara

ZB KOCH

clinou vertiginosamente, de cerca de 2.700 indivíduos, nos anos 60, para 53 animais em 2.000. Algumas medidas iniciais de proteção elevaram a população para 59 indivíduos, porém são grupos isolados e, alguns, constituídos apenas de fêmeas.

Descrito apenas em 1997, o langur-da-canela-cinza (*Pygatrix nemeus cinerea*) foi direto para a lista de espécies criticamente ameaçadas de extinção. Os próprios espécimes usados na descrição científica haviam sido apreendidos por autoridades

OS 10 PRIMATAS BRASILEIROS

Nome popular	Nome científico	Origem
FAMÍLIA ATELIDAE		
Guariba-de-mãos-ruivas	<i>Alouatta belzebul ululata</i>	Maranhão
Bugio ou Barbado	<i>Alouatta guariba guariba</i>	Bahia ou Minas Gerais
Muriqui-do-norte	<i>Brachyteles hypoxanthus</i>	Bahia, Espírito Santo e Minas Gerais
FAMÍLIA CALLITRICHIDAE		
Mico-leão-da-cara-preta	<i>Leontopithecus caissara</i>	Paraná e São Paulo
Mico-leão-preto	<i>Leontopithecus chrysopygus</i>	São Paulo
Sagüi-de-duas-cores	<i>Saguinus bicolor</i>	Amazonas
FAMÍLIA CEBIDAE		
Macaco-caiarara	<i>Cebus kaapori</i>	Maranhão e Pará
Macaco-prego-de-peito-amarelo	<i>Cebus xanthosterno</i>	Bahia, Minas Gerais e Sergipe
FAMÍLIA PITHECIIDAE		
Guigó	<i>Callicebus barbarabrowna</i>	Bahia e Sergipe
Guigó-de-coimbra-filho	<i>Callicebus coimbrai</i>	Maranhão

florestais na região central do Vietnã. Vive em florestas muito fragmentadas, nas montanhas, ameaçado pela perda de habitat e caça. As estimativas apontam para uma população de apenas 600 a 700 indivíduos.

Outra espécie rara, o langur-donariz-arrebitado (*Rhinopithecus avunculus*) chegou a ser considerado extinto devido aos escassos registros científicos entre sua descrição, em 1910, e sua redescoberta, em 1989. Atualmente se calcula que existam 300 deles, no distrito de Na Hang, região norte do

Vietnã. A ameaça mais séria à sua sobrevivência é a construção de uma hidrelétrica, iniciada em 2002. Além da inundação de parte da área onde vive a espécie, a presença dos 10 mil trabalhadores da barragem, na região, aumentou a demanda por lenha e outros produtos florestais.

BRASIL

Também descrito recentemente, em 1990, o mico-leão-de-cara-preta ou mico-leão-caiçara (*Leontopithecus caissara*) é uma das espécies brasileiras incluídas na lista mundial. O pequeno primata vive no maior remanescente de Mata Atlântica, localizado entre o Paraná e São Paulo, na zona costeira. Estima-se que existam menos de 400 micos numa mancha florestal de apenas 300 km². A captura ilegal, para abastecer o tráfico, e o desmatamento são as piores pressões, a par da derrubada seletiva de



Alouatta guariba guariba

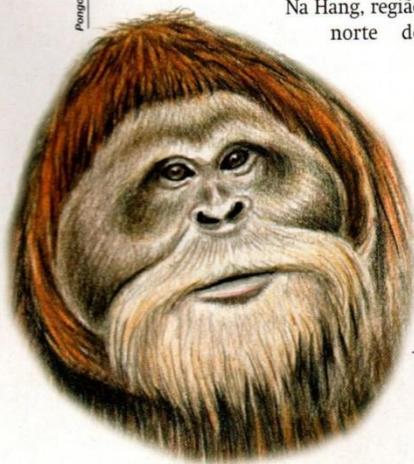
ADRIANO GAMBARINI

SUL-AMERICANOS

O bugio (acima) ficou na lista dos 10 brasileiros mais ameaçados, enquanto o macaco-aranha-castanho (abaixo, dir.), da Colômbia, foi incluído na lista mundial

caixeta nas matas de restinga, entre as encostas da Serra do Mar e o mangue. A restinga também é um dos ecossistemas mais ameaçados pela especulação imobiliária, porque geralmente fica perto da praia e não necessita de aterramento, como o mangue.

O muriqui-do-norte (*Brachyteles hypoxanthus*) é mais uma espécie brasileira entre os 25 primatas mais ameaçados do mundo. A população que escapou à caça para consumo de carne e aos desmatamentos hoje soma algo em torno de 700 a 1.000 animais. Eles vivem em grupos isolados, em matas dos estados de Minas Gerais, Espírito Santo e Bahia. Um dos grupos mais importantes, de 225 indivíduos, habita a Reserva Particular do Patrimônio Natural (RPPN) de Caratinga, em Minas Gerais, evidenciando a importância de proprietários e empresas privadas na conservação dos últimos grandes fragmentos de vegetação natural do Centro-



Pongo abelii

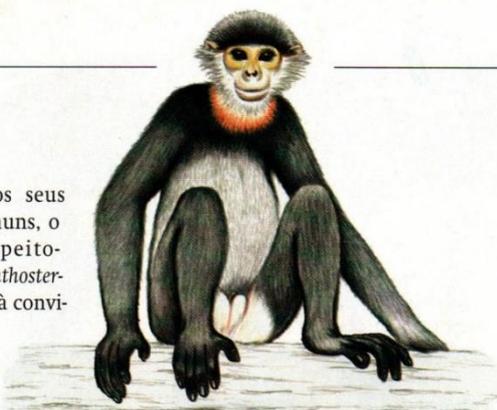
Sul brasileiro.

Ao contrário dos seus 'parentes' mais comuns, o macaco-prego-do-peito-amarelo (*Cebus xanthosternus*) não se adaptou à convivência com o homem e está entre as espécies endêmicas mais ameaçadas da Mata Atlântica. Nativo da Bahia e Minas Gerais, sofre com a excessiva fragmentação das florestas, ainda em curso, e com a caça. Em geral, os adultos são abatidos para consumo da carne e os filhotes adotados como mascotes. Uma população de 185 sobreviventes vive na Reserva Biológica de Uma, na Bahia, e não há estimativas seguras sobre o número de indivíduos em outros remanescentes florestais.

INDONÉSIA

Até a chegada dos homens, há 2 mil anos atrás, cobras e aves de rapina eram os únicos predadores dos langures do gênero *Simias*, endêmicos das Ilhas Mentawai, na Indonésia. Mas a caça predatória e a derrubada de florestas para a instalação de roças e vilas humanas dizimou as populações das 4 espécies desse gênero, sendo que o langur-da-cauda-de-porco (*Simias concolor*) é o mais sensível ao desmatamento e corte seletivo de madeira. Como vive em áreas de concessão de madeiras, estima-se que possa desaparecer em breve, se não forem tomadas medidas de proteção.

Conhecido apenas na região nordeste de Bornéu, o langur-de-Hose ou langur-cinzento (*Presbytis hosei canicrus*) já pode estar extinto,



Pygathrix nemaus cinerea

pois não há registros recentes de sua presença nas florestas onde vivia, excessivamente fragmentadas e alteradas pelo corte de madeira, assentamentos irregulares e uso do fogo. Nem mesmo o Parque Nacional de Kutai, que deveria proteger esta e outras espécies do mesmo gênero, escapa aos impactos dessas atividades humanas.

Outra espécie na lista dos 25 é um dos grandes símios geneticamente mais próximos do homem, o orangotango-de-Sumatra (*Pongo abelii*). Suas populações atualmente estão restritas às florestas de terras baixas da ilha indonésia de Sumatra, divididas em 13 grupos, num total de 7.500 indivíduos. Alguns estudos recentes apontam a possibilidade de os orangotangos do norte e do sul dessa região pertencerem a espécies distintas, o que agravaria seu estado de conservação. A pressão mais séria vem das madeiras: de acordo com os especialistas, algumas populações estão diminuindo à razão de 15% ao ano, devido à alteração das florestas com o corte seletivo de árvores.

Recém descrito, o langur-da- canela-cinza já está ameaçado

SRI LANKA E TANZÂNIA

O langur-de-cara-vermelha (*Semnopithecus vetulus nestor*) e o lóris-esbelto (*Loris tardigradus nycticeboides*) são as duas espécies do Sri Lanka incluídas na lista mundial, ambas vivendo em áreas muito restritas, encurraladas pelos desmatamentos, coleta de lenha e produtos florestais e garimpo de pedras preciosas, inclusive dentro de parques nacionais. O langur-de-cara-vermelha vem sendo desalojado pela expansão da capital do país, Colombo, sua área original de ocorrência. Por ser um animal que vive no alto das árvores, ele precisa de uma floresta onde as copas se toquem e, portanto, não consegue



ALBA LUCIA MORALES-JIMENEZ/OPFORD BRIDGES UNIVERSITY

É da Guiné a espécie de primata mais ameaçada

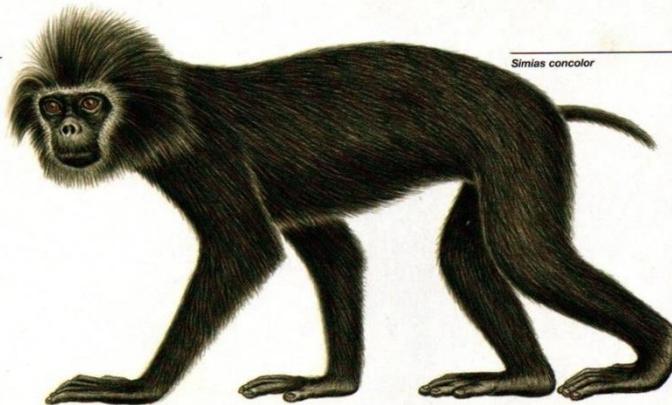
sobreviver nas matas alteradas. Já o lóris-esbelto, um dos primatas mais raros do Sri Lanka, sofre também com a captura para o tráfico, visado como mascote por sua pelagem espessa e olhos grandes. Apenas 4 registros científicos foram feitos desde 1937. A população remanescente, se já não foi extinta, vive em uma área inferior a 250 km², na Pla-



Cercocebus atys lumulatus

nície de Horton.

Das duas espécies da Tanzânia incluídas na lista, uma ainda nem tem nome científico. Trata-se de um galago das escarpas do Monte Rungwe, considerado distinto de outros primatas semelhantes do gênero *Galagoides* por suas vocalizações e fotografias. Observações feitas à distância mostram que esses galagos



Simias concolor

circulam entre plantas de banana selvagem, tendo freqüentemente o pêlo coberto por pólen, um indicador de que podem funcionar como polinizadores. A outra espécie da Tanzânia criticamente ameaçada é o mangabei-de-Sanje (*Cercocebus sanjei*), endêmico das montanhas Udzungwa, onde vivem mais 10 espécies de primatas. As principais ameaças são caça e perda de hábitat.

CHINA, COLÔMBIA, GUINÉ EQUATORIAL E QUÊNIA

Sobre o primata chinês incluído na lista – uma espécie de gibão (*Nomascus sp cf nasutus hainanus*) – ainda há uma grande carência de informações, mas a perda de hábitat é a principal ameaça, a par do uso de partes do corpo em remédios tradicionais e afrodisíacos. Os primatas desse gênero vivem a maior parte de suas vidas na copa das árvores, em grupos familiares. Defendem seu território com vocalizações complexas, consideradas verdadeiras canções, que podem ser ouvidas a grandes distâncias.

Na Colômbia, o

macaco-aranha-castanho (*Ateles hybridus brunneus*) ocorre apenas entre os rios Cauca e Magdalena. Por se tratar de um primata grande e de baixa taxa de reprodução – com um filhote por casal, a cada 3 ou 4 anos – a espécie é muito vulnerável aos desmatamentos, à degradação das florestas e à ação dos caçadores. Os conservacionistas sugerem o estabelecimento de um parque na Serrania San Lucas, área onde existem mais dois primatas que seriam igualmente beneficiados pela proteção: o sagüi-cinzento (*Saguinus leucopus*) e uma espécie local de macaco-barrigudo (*Lagothrix lagothricha lugens*).

O colobo-vermelho-de-Pennant (*Procolobus pennanti pennanti*) habita exclusivamente a região sudoeste da ilha de Bioko, na Guiné Equatorial. Sua carne ainda é comercializada e a espécie é particularmente vulnerável à degradação de seu hábitat, assim como outros colobos das regiões ocidental e central da África. Isso torna o gênero o mais ameaçado do mundo, entre todos os grupos taxonômicos de primatas.

Uma faixa de apenas 60 km de lar-

CAÇA PREDATÓRIA

No Brasil e na África, caçadores dizimaram as populações do muriqui (dir) e do mangabei-da-nuca-branca (esq.)



Trachypithecus leucocephalus

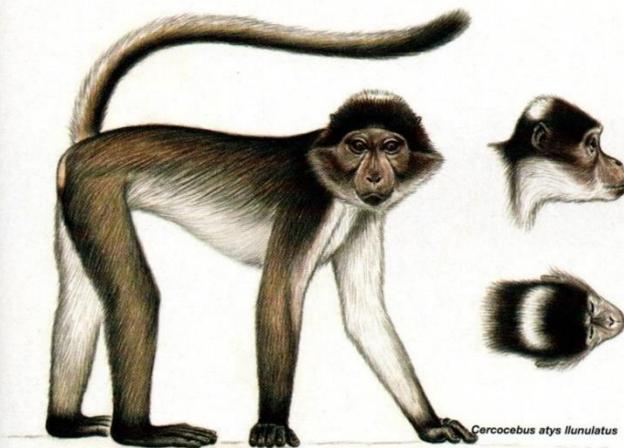
gura, onde ficam as matas de galeria do baixo rio Tana, no Quênia, abriga 8 espécies de primatas, dos quais duas estão criticamente ameaçadas e um foi incluída na lista dos 25: o colobo-vermelho-do-Rio-Tana (*Procolobus rufomitratu*s). A expansão da agricultura naquelas terras, no entanto, já tomou metade da área original de distribuição da espécie,

Já as duas espécies de gorila consideradas criticamente mais ameaçadas - o gorila-de-Diehl (*Gorilla gorilla diehli*) e o gorila-das-montanhas (*Gorilla beringei*) - sofrem com o comércio de troféus (mãos e cabeças empalhadas) e perda de hábitat. As populações do gorila-de-Diehl vivem numa estreita faixa de floresta densa da fronteira entre Camarões e

Nigéria, praticamente sem proteção. Os governos dos dois países, no entanto, comprometeram-se recentemente com a conservação da espécie, ensaiando as primeiras medidas em parceria com a entidade ambientalista Wildlife Conservation Society (WCS). O gorila-das-montanhas é o maior primata do planeta, uma das espécies mais bem estudadas, mas, infelizmente, o conhecimento ainda não assegura sua sobrevivência. As estimativas de população variam muito: de 8.660 a 25.500 indivíduos, espalhados em 11 áreas isoladas. O grupo maior está relativamente protegido nos parques nacionais Kahuzi-Biega e Maiko, no Congo.

LIANA JOHN

Agradecemos a Anthony Rylands, da Conservação Internacional (CI), que coordenou a coleta de dados; a Stephen D. Nash, também da CI, autor das ilustrações científicas, e a Ivan Sazima, da Unicamp pela tradução dos nomes comuns dos primatas.



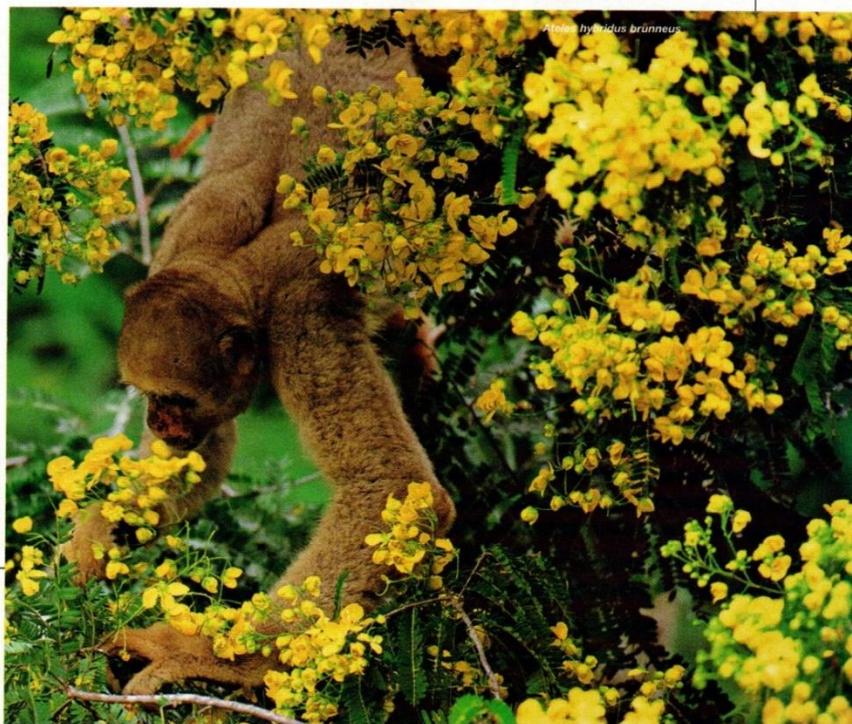
Cercopithecus atys lunulatus

que só vive ali (endêmica). Alguns grupos estão sendo realocados, mas faltam áreas protegidas.

CENTRO-OESTE AFRICANO

Nem a versatilidade na busca de alimentos, no chão de áreas alagadas, florestas ou culturas agrícolas livrou o mangabei-da-nuca-branca (*Cercopithecus atys lunulatus*) da ameaça de extinção. O primata, aparentado com o mandril, vive a leste do rio Sassandra, na Costa do Marfim, e oeste do rio Volta, em Gana. A caça para consumo da carne é a pressão mais importante, fazendo da fiscalização nas áreas protegidas uma das medidas urgentes para afastar o risco de extinção.

LUCIANO CARIBONI



Cercopithecus atys lunulatus